



PROJETAR 2003

I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA
NATAL DE 07 A 10 DE OUTUBRO, RN/BRASIL. PPGAU-UFRN

[RE]PROGRAMAS:

OS DADOS DAS e-PESQUISAS NOMADS SOBRE COMPORTAMENTOS&ESPAÇOS DE MORAR

TRAMONTANO, Marcelo (1); BENEVENTE, Varlete (2)

(1) Prof. Dr., Departamento de Arquitetura e Urbanismo EESC Universidade de São Paulo. Coordenador do Nomads.usp Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida – tramont@sc.usp.br

(2) Profa. Dra., Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Uberaba. Pesquisadora do Nomads.usp Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida – varlete.ml@convex.com.br

Nomads.usp – SAP-EESC-USP Caixa Postal 359 13560-250 São Carlos SP nomads@sc.usp.br (16)273.8297

RESUMO

O artigo contextualiza e apresenta as duas e-pesquisas Nomads.usp sobre Comportamentos e Espaços de Morar, realizadas em 2001 e 2003 através do *site* do Nomads.usp na internet, comenta seus resultados e seu potencial enquanto ferramenta de revisão do programa de necessidades de grupos domésticos brasileiros contemporâneos. São sucintamente apresentadas alterações feitas na Segunda e-pesquisa após a aplicação e leitura dos resultados da Primeira, tanto no que se refere à temática das perguntas, quanto às estratégias de definição de perfis e de consulta à população.

Palavras-chave

Habitação contemporânea | programa habitacional | consulta *via internet*

ABSTRACT

This paper recalls briefly the contemporary brazilian context in order to present both the First and the Second e-Surveys Nomads.usp on Behaviors and Living Places. Those surveys have been realized in the years of 2001 and 2003 through the Nomads.usp internet site. The paper comments and analyzes their results since they are possible tools to help the revision of the dwelling program for contemporary brazilian households. The paper shortly shows some changes added to the Second e-Survey after the application and the lecture of the results of the First one. This review concerned the subjects focused in the questions, but also the strategies for defining the public's profile and the ways to reach them.

Keywords

contemporary habitation | dwelling program | internet survey

RECONHECENDO PERFÍS

As tantas e tão profundas transformações por que tem passado o perfil demográfico e os padrões comportamentais da nossa sociedade desde meados do século XX e, sobretudo, nas últimas décadas autorizam-nos a afirmar que as soluções projetuais de espaços de morar atualmente implantadas no Brasil, sejam ou não de baixo custo, foram, de uma maneira geral, ultrapassadas pela evolução dos costumes. Os conceitos que ainda norteiam sua concepção espacial e tecnológica remontam ao modelo – internacionalmente difundido, aliás – da habitação burguesa européia do século XIX, resultando, em sua imensa maioria, em casas e apartamentos divididos em cômodos funcionalmente estanques – quartos, sala, cozinha e banheiros –, agrupados em zonas Social, Íntima e de Serviços, e executadas, principalmente, em alvenaria de tijolos cozidos ou de blocos de cimento. Além disso, a concepção de espaços domésticos, no Brasil de hoje, tem sido fortemente viesada por princípios enunciados pelo Movimento Moderno europeu da primeira metade do século XX, os quais, disseminados mundialmente, acabaram inibindo, até pela extrema conveniência da fórmula da habitação-tipo, qualquer questionamento sobre o assunto.

O desenho das unidades de habitação – tanto de casas como de apartamentos – permanece aproximadamente o mesmo há décadas, com uma clara redução da superfície total em função de razões diversas. Quando se trata de conjuntos habitacionais de interesse social, o papel dos órgãos públicos responsáveis por sua produção tem sido, basicamente, o de elaborar projetos urbanísticos, implantando no terreno unidades-padrão pré-definidas. Nas raras ocasiões em que o projeto das unidades é solicitado a escritórios de Arquitetura, seja por encomendas, seja por meio de concursos, as inovações das propostas têm-se limitado ao uso de alguma técnica construtiva dita alternativa ou a novos desenhos de fachada incorporando traços da moda, sem que, contudo, a função, o desenho e a articulação dos espaços de habitar sejam sequer questionados.

Por seu lado, a classe média das grandes cidades vê-se confinada em casas e apartamentos cada vez menores, cuja estanqueidade funcional dos cômodos conflita-se com a crescente demanda por privacidade dos membros do grupo doméstico, confirmando um processo iniciado há vários séculos e, aparentemente, irreversível. Quartos de dormir cada vez menores abrigam mais e mais equipamentos e itens de mobiliário – mesas de trabalho, *racks* e estantes, além de televisores, aparelhos de som, telefones, eventualmente computadores, talvez conectados à internet –, lista mais ou menos completa segundo o poder aquisitivo dos moradores, confirmando a tendência a uma sobreposição de funções não planejada no espaço doméstico. O fato é que atividades antes estranhas ao programa doméstico, como o trabalho remunerado, ajudado ou não por equipamentos de transmissão de informação à distância, têm forçado sua entrada em uma estrutura espacial antiga, concebida para um modo de vida que se baseava na assimetria de papéis do modelo familiar nuclear, no qual o pai provedor buscava fora de casa o sustento material da família, enquanto a mãe encarregava-se do gerenciamento da esfera privada. Da mesma forma, atividades antes claramente domésticas, como a preparação e o consumo de refeições, têm-se deslocado para o exterior da habitação: cozinhar em casa parece tender a tornar-se uma atividade mais de convívio e de lazer, e menos de serviço – como ainda a consideram muitos professores de projeto de arquitetura –, realizada com amigos ou familiares em momentos selecionados. Em que parte da casa, então, localizá-la? Similarmente, o momento do banho parece dotar-se de um caráter de relaxamento, às vezes de sensualidade, que busca opor-se ao *stress* causado pelas diversas tensões quotidianas, o que convida-nos a rever o desenho e a localização do cômodo destinado a esse fim: relaxamento e prazer em um cubículo azulejado com janela diminuta e luz fria? A reflexão pode estender-se a todos os espaços da moradia atual.

A estas observações vêm somar-se algumas mudanças profundas, em curso neste início de século, que exigem do arquiteto um olhar mais atento e menos apoiado em certezas passadas, sobre o desenho do espaço doméstico:

Perfil demográfico e comportamental

Basta notar a perda de espaço que a família nuclear convencional vem sofrendo no total de grupos domésticos do país. De modelo absolutamente dominante até os anos 1970, sua participação vem caindo e não chega atualmente a 60%.¹ Algumas razões deste fenômeno são elencadas por BERQUÓ (1989): *“a queda acentuada da fecundidade, o aumento da longevidade, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, a liberdade sexual, a fragilidade cada vez maior das uniões, o individualismo acentuado, etc, são tendências que vêm atuando no sentido de alterar o tamanho, a estrutura e a função da família”*. Ocorre que os 44,2% restantes não se referem a um único grupo, mas a uma grande e crescente variedade de arranjos familiares, cada vez melhor aceitos socialmente. Por outro lado, a própria família nuclear também não é mais a mesma, já que as relações entre seus membros tem se alterado essencialmente: os pais, por exemplo, que até há pouco tempo exigiam dos filhos obediência absoluta, agora preocupam-se mais com o êxito profissional da prole. Esta diversidade de perfis, que se associa a uma diversidade ainda maior de modos de vida, abre-nos uma série de questões que, se por um lado ainda se encontram longe da agenda dos investidores imobiliários, e a anos-luz das preocupações daqueles que tomam as decisões no campo da habitação social no Brasil, nos levam a refletir sobre habitações mais adequadas funcional e espacialmente falando.

Mobiliário e equipamentos

É clara a dificuldade de se apropriar de espaços domésticos reduzidos utilizando-se mobiliário e equipamentos convencionais, que excluem, portanto, na grande maioria dos casos, a sobreposição ou alternância de funções, provendo suporte apenas às atividades constantes do programa habitacional convencional. Mesmo nos casos em que o projeto arquitetônico prevê dispositivos visando uma possibilidade contínua de reorganização espacial, como divisórias móveis ou removíveis ou instâncias multi-uso, o fato é que, ao inserir nesses espaços peças de mobiliário convencional, e, portanto, em geral, monofuncionais, o uso do cômodo é fixado, dificultando bastante ou mesmo excluindo-se a possibilidade de realização de novas atividades no interior doméstico.

Avaliações pelo usuário

Pouca ou nenhuma atenção tem sido dada, no Brasil, aos processos de avaliação do espaço de morar, em suas diversas fases – da concepção ao uso – e em seus diversos componentes – edifício, mobiliário/equipamentos, redes, etc, limitando-se, em geral, a verificações técnicas do sistema construtivo e de seus componentes. Nos raros casos em que uma avaliação mais abrangente é realizada, seus resultados parecem ser utilizados mais raramente ainda na concepção de novos projetos, e, de qualquer forma, provavelmente nunca os usuários terão acesso a eles. Além de informar conceptores, políticos e investidores, estes resultados poderiam auxiliar o morador no processo de apropriação dos espaços de sua própria casa.

Mídias e espaço doméstico

Grande fanfarras tem sido feita em torno dos dispositivos de automação residencial, especialmente pela imprensa leiga. A concepção destes dispositivos raramente inclui

¹ A porcentagem de casais com filhos foi, em 1999, de 55,8%, segundo a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE. As famílias monoparentais representaram 16,7%, os casais sem filhos, 13,3%, e as pessoas sós, 8,4%. A participação das coabitações sem vínculo conjugal ou de parentesco permaneceu estável - 0,3% do total de grupos -, o que, no entanto, significa um aumento em números absolutos.

arquitetos ou estudiosos dos hábitos dos potenciais usuários, e acaba materializando possibilidades técnicas cujo real interesse ou impacto na vida quotidiana ainda está para ser avaliado. Trata-se, em boa parte dos casos, de itens destinados a proteger os moradores de uma violência urbana cuja dimensão é muitas vezes falsamente ampliada, visando justamente o aumento do consumo da idéia de proteção, que se materializa não apenas em casas supostamente mais seguras, mas também no lazer em *shopping centers*, na preferência por carros blindados, na disseminação de condomínios fechados, no uso da cidade como espaço de passagem rápida e temerosa. Outros dispositivos oferecidos, como ambientações através de iluminação artificial e a possibilidade de acionamento de eletrodomésticos à distância, situam-se quase no universo dos *gadgets*, tal é a distância que os separa das reais necessidades decorrentes dos modos de vida dos habitantes. Paralelamente, fala-se muito de um aumento do uso das tecnologias de informação e comunicação na vida quotidiana, cuja face mais visível são, com certeza, os novos serviços de telefonia móvel, acessíveis a quase todas as classes sociais. De equipamentos de espaços, por força da necessidade de conexão a tomadas, os telefones passaram a equipar o indivíduo, e fica a pergunta sobre quais outras mídias tem utilizado o brasileiro em seu espaço doméstico, com que finalidades, e com que frequência.

RECONSTRUINDO PROGRAMAS

O Nomads.usp, Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, da Universidade de São Paulo, tem procurado entender, analisar e produzir critérios que visam repensar o desenho dos espaços da habitação contemporânea, considerando sua história recente e as transformações ocorridas nos grupos familiares – a partir da chamada Revolução Industrial européia –, e suas atuais tendências comportamentais. Envolvendo alunos de graduação e de pós-graduação, além de professores de diversas instituições, o Núcleo tem desenvolvido vários trabalhos sobre critérios de redesenho dos espaços e do mobiliário doméstico, propondo, além de novas estruturas espaciais, a elaboração de um repertório construtivo que priorize preocupações de cunho ambiental. Igualmente, o Nomads.usp tem se dedicado a mapear as principais modalidades habitacionais metropolitanas, tomando como referência principal a metrópole paulistana, através de análises qualitativas e quantitativas de seus espaços mas também da evolução dos hábitos de seus moradores. Neste sentido, edifícios e conjuntos de apartamentos e *flats*, conjuntos horizontais de habitação, abrigando população de todas as classes sociais, constituem objeto dos estudos em curso e de outros já concluídos pelo Núcleo, concentrados em tres linhas de pesquisa: Habitação Metropolitana, Habitação e Virtualidade, e Habitação e Ambiente.²

A decisão pela realização de pesquisas através da *internet* justificou-se, inicialmente, por tres razões principais: 1. Seu baixíssimo custo e pequeno envolvimento de pessoal, contrariamente às consultas tradicionais que envolvem grande número de entrevistadores, com custos diretamente proporcionais; 2. A facilidade de recuperação, tratamento e cruzamento de dados, prerrogativa do meio computacional, que elimina o extenso trabalho da tabulação convencional; e 3. A suposição de que, sozinho diante de um computador, o respondente poderia sentir-se mais à vontade para informar sobre aspectos de sua intimidade, sem a presença eventualmente inibidora de um entrevistador.

Primeira e-pesquisa: resultados

A consulta relativa à Primeira e-pesquisa foi realizada via *internet*, através do *site* do Nomads.usp, durante os meses de outubro e novembro de 2001. A divulgação desta Primeira

² Uma visão mais completa das linhas de pesquisa do Nomads.usp e de seus pesquisadores, encontra-se disponível em seu *site*, no seguinte endereço: <http://www.eesc.usp.br/nomads>.

e-Pesquisa foi feita utilizando-se de *e-mails* enviados diretamente pelo Nomads.usp, matérias em jornais e revistas de grande circulação, tanto especializadas na área de arquitetura, quanto direcionadas ao público leigo. No entanto, apenas 11,49% dos entrevistados declararam ter tido conhecimento através de jornais ou revistas, enquanto que a grande maioria (47,45%) soube através de amigos, sem especificar o meio de comunicação. Uma outra parcela significativa (16,17%) soube da pesquisa ao visitar o *site* do Nomads.usp, e 12,55% foram informados em suas escolas.

A pesquisa procurava abranger a totalidade do território nacional e as diversas faixas de renda, níveis de escolaridade e faixas etárias, dentro dos limites restritos da comunicação *via internet*. O pesquisado majoritário tem entre 24 e 35 anos (42,34%), concluiu ou está realizando estudos de nível superior, e tem renda familiar mensal acima de R\$ 3.600,00 (vinte salários mínimos)³. Metade deles moram em casas, e outra metade em apartamentos, revelando um perfil bastante equilibrado, ainda que os primeiros sejam principalmente proprietários de seus imóveis (37,23%), contrastando com os últimos (22,13% proprietários e 23,83% locatários). Os principais grupos domésticos estão também representados: a família nuclear é majoritária (60,64%, bastante próximos do total nacional de 55,80%), seguida de casais sem filhos (12,98%), coabitação de pessoas sem vínculo conjugal e parentesco (11,49%), pessoas vivendo sós (10,85%) e famílias monoparentais (4,04%).

A pesquisa indica que as habitações desta população costuma abrigar de dois a quatro ocupantes (65,64%), e ter três dormitórios e dois banheiros (44,68%), o que confirma o perfil de casas ou apartamentos, não necessariamente de alto padrão, abrigando um casal sem filhos, ou com um ou dois filhos. A maioria dos entrevistados possui um (38,30%) ou, no máximo, dois (30,85%) automóveis, o que legitimaria esta conclusão.⁴ 63,40% dos entrevistados possuem um ou dois televisores: no primeiro caso, percebe-se que boa parte encontra-se no dormitório e não mais na sala de estar, o que reforça a tendência de uso individualizado desse aparelho (48,30% declararam assistir TV no quarto), confirmada pela constatação de que um em cada três entrevistados (35,74%) possui três ou mais aparelhos em habitações com três dormitórios.

Apenas 8,09% dos entrevistados não possuem aparelho de rádio em casa, e dois em cada três declararam utilizá-lo em seus momentos de lazer em casa, o que constitui uma porcentagem surpreendentemente alta (59,79%). Seu uso é mais freqüente entre os adolescentes e jovens de 16 a 24 anos, aparecendo em segundo lugar em suas preferências (74,36% das respostas nessa faixa etária). No que se refere ao uso de mídias em atividades de lazer em casa, aliás, o televisor é o grande campeão, com 88,09% das respostas, seguido pela leitura de livros e revistas (76,81%), e pelo uso de microcomputador conectado à *Internet* (63,19%). A leitura de jornais é declarada por 57,23% dos respondentes, e o uso do telefone por apenas 43,40%.

Um em cada quatro respondentes ainda não possui microondas (25,32%). O freezer, provavelmente por seu preço alto e consumo energético elevado, continua ausente da casa de 45,96% dos entrevistados. Curioso, no entanto, é constatar que 61,28% não possuem lavadoras, um eletrodoméstico relativamente barato e de baixo consumo energético.

O próprio quarto é o local preferido de isolamento de 54,04% dos entrevistados. Além de dormir, a atividade mais comum neste espaço é ler ou escrever coisas não relacionadas com trabalho ou estudo (74,47%). Sexo (67,87%) e falar ao telefone (59,36%), são, na ordem, as demais atividades aí realizadas. Os adolescentes e jovens de 16 a 23 anos usam o espaço do quarto principalmente para ouvir música (76,07%), leituras não relacionadas a atividades

³ A família de 5,74% dos respondentes ganha entre R\$ 0,00 e R\$ 900,00 por mês, 16,60% ganha entre R\$ 901,00 e R\$ 1.800,00, 18,30% ganha entre R\$ 1801,00 e R\$ 2.700,00 e 17,87% ganha entre R\$ 2.701,00 e R\$ 3.600,00.

⁴ Destaca-se que 14,26% não possuem automóvel, e apenas 16,60% possuem três ou mais veículos.

escolares (73,50%), e estudar (72,75%). Nesta faixa etária, a atividade sexual parece ser entendida como ato não solitário, já que apenas 37,61% dos entrevistados admitiram fazer sexo em seu quarto. Seja como for, é importante perceber a enorme sobreposição de funções neste espaço, que abriga cada vez mais novas atividades: apenas 4,89% declararam que costumam usá-lo só para dormir.

O uso do computador no espaço doméstico parece ser uma realidade comum para a maioria dos consultados: apenas 8,94% declararam não possuir computador em casa. Isso não confirma, necessariamente, a tendência de trabalho em casa, já que 45,32% dos respondentes declararam não utilizar o computador para trabalho remunerado. 30,64% têm conexão à *internet* de alta velocidade, 22,55% têm o computador em seu quarto, conectado à *internet*, e 16,17% comunicam-se com outras pessoas através da rede mundial de computadores.

Perguntados sobre a importância de se garantir individualidade aos dois membros de um casal, os entrevistados emitiram opiniões divergentes, segundo a região do país. Enquanto os respondentes das regiões Sul e Nordeste reconhecem esta importância, quase por unanimidade (98,36% e 98,04%, respectivamente), os habitantes da região Norte parecem menos convencidos dela, já que apenas 87,10% responderam sim⁵, e, curiosamente, 41,94% desta mesma região acreditam que é preciso dormir no mesmo quarto e na mesma cama para que esta individualidade seja garantida. Mais da metade dos entrevistados vê com bons olhos o uso de *closets* e armários individuais, ou de espaços individuais de trabalho para os membros do casal (52,34%).

A maior parte dos entrevistados permanece, ao todo, entre 10 e 30 minutos no banheiro por dia, incluindo o banho (52,34%), que parece ser visto mais como um momento de relaxamento do que de higiene (48,09% e 45,74%, respectivamente). Quando perguntados sobre o que este espaço não tem e que eles gostariam que tivesse, 71,49% mencionaram uma banheira, 56,38%, uma vista para uma paisagem bonita, e 39,15%, um jardim interno. Duas considerações podem ser feitas sobre estes dados: 1. Estes três dispositivos estimulariam uma permanência mais longa no banheiro, provavelmente ultrapassando os trinta minutos diários, e certamente diminuindo ainda mais o seu caráter restrito de espaço de higiene e de curta permanência; 2. Pode-se imaginar que os respondentes não estão exatamente solicitando a inclusão de um jardim interno em seu banheiro atual, supondo que se trata de um banheiro de pequenas dimensões, típico da habitação de três dormitórios de padrão médio descrita anteriormente. Neste caso, pode-se entender que estas respostas expressam uma vontade de possuir um espaço mais amplo, com vista e jardim, onde se possa relaxar e fazer sua higiene pessoal, o que constitui um lugar absolutamente inexistente na atual habitação urbana brasileira de padrão médio. Uma pista para o desenho deste novo espaço talvez esteja sendo dada pelos 24,89% que manifestaram desejo de ter uma divisória móvel integrando o banheiro com seu quarto. É ainda significativo notar que apenas 16,81% dos respondentes afirmaram que seu banheiro é normal e suficiente para suas necessidades.

Na maioria das habitações, cozinhar é uma atividade diária, realizada por uma pessoa do grupo familiar (29,36%) ou por uma empregada (29,15%). Esse equilíbrio entre as duas alternativas vai se alterando em função das diversas faixas de renda: na casa dos respondentes com renda familiar de até R\$ 900,00 mensais, esta atividade é realizada por uma pessoa do grupo familiar em 37,04% dos casos, enquanto que em apenas 11,11% a empregada é a cozinheira diária. Entre R\$ 901,00 e R\$ 1.800,00, estes valores são 38,46% e 14,10%, respectivamente. Entre R\$ 1.801,00 e R\$ 2.700,00, estes valores são 36,05% e 19,77%, respectivamente. Entre R\$ 2.701 e R\$ 3.600,00, os valores se aproximam: 29,76% e 23,81%,

⁵ Os números para a região Centro-Oeste são 94,44% e para a região Sudeste, 92,78%.

respectivamente. O equilíbrio é definitivamente rompido nos respondentes cuja renda familiar excede os R\$ 3.601,00 mensais: 21,54% e 44,10%, respectivamente.

A percepção geral de que os *singles* tendem a cozinhar menos em casa do que as famílias nucleares se confirma: 61,29% dos entrevistados pertencentes a elas costumam comer em casa no almoço e no jantar entre segunda e sexta-feira, enquanto os *singles* comem fora de casa no almoço e em casa no jantar (57,89%) ou fora de casa no almoço, e normalmente não jantam (15,79%). Nos fins de semana, estes números apenas se acentuam. Dentro do espaço da habitação, o lugar onde a grande maioria das pessoas costuma fazer suas refeições é a cozinha (61,28%), seguido da sala de jantar (44,89%) e sala de TV (40,43%). Os jovens entre 16 e 23 anos são os que mais preferem comer no quarto (29,06%), seguidos das pessoas que vivem sós (27,45%). Entre os respondentes de famílias nucleares, apenas 12,10% costumam comer no quarto.

Ainda sobre a cozinha, 51,70% dos respondentes manifestaram desejo de que ela tivesse uma vista para uma paisagem bonita e 24,04% gostariam que uma divisória móvel a integrasse com o jardim ou com uma varanda, o que aponta para uma vontade de relação entre este espaço e um exterior prazeroso, desvinculando-o da idéia convencional de espaço de serviços. Tomam-se refeições na cozinha, como foi visto acima, mas aparentemente deseja-se que essas refeições se façam em um local menos confinado, com qualidades estéticas. A relação com o exterior, mediada por equipamentos de telecomunicação, é mencionada por 27,87% dos entrevistados que desejariam ter uma TV em sua cozinha, e 25,96% que desejariam um telefone neste espaço. Sua integração com a sala de estar é vista, pelos entrevistados, de uma forma ambígua: 14,68% gostariam de viabilizá-la através de uma divisória móvel, que, aberta, suprimiria os limites entre os dois cômodos. Já 32,13% prefeririam um balcão que, mesmo permitindo uma ligação visual, ainda significa uma porção de vedação opaca.

Finalmente, perguntada sobre o sentido mais amplo de habitação, a maioria o identificou como “o lugar onde estão pessoas que lhe interessam” (28,30%). Em seguida, 22,77% responderam “o lugar onde passa a maior parte do meu tempo” e 22,55%, “o lugar onde estão meus pertences”. A primeira alternativa valoriza mais o convívio social, a segunda tem um caráter mais funcionalista, enquanto que a terceira expressaria uma visão acentuadamente materialista e individualizada do espaço doméstico. Diante destas escolhas, 15,32% preferiram responder que habitação “não é um lugar definido”. A percepção da habitação, principalmente, como o “produto de um investimento material” é inversamente proporcional às faixas de renda: entre os respondentes com renda familiar mensal de até R\$ 900,00, esta é a opinião de 11,11%, enquanto que entre os de renda mensal acima de R\$ 3.601,00, apenas 2,56%.

Segunda e-pesquisa: alterações

No momento em que este artigo está sendo redigido, em junho de 2003, a Segunda e-pesquisa Nomads Comportamentos & Espaços de Morar encontra-se em curso, disponível no *site* do Nomads.usp desde 10 de maio até 30 de junho. Por essa razão, preferimos não comentar aqui resultados, ainda que de maneira preliminar, mas relacionar seu escopo com a Primeira e-pesquisa.

A primeira grande alteração efetuada nessa segunda edição da consulta refere-se a um imperativo estatístico. Dado o grande número de alternativas para cada pergunta, na Primeira e-pesquisa tornou-se necessário mobilizar um grande número de respondentes. O número efetivamente mobilizado ficou aquém do mínimo estipulado estatisticamente, o que não chegou a comprometer a confiabilidade dos resultados mas impediu-nos de considerá-los como quantitativamente representativos para todo o Brasil. Na Segunda e-pesquisa, o número de alternativas foi mantido, mas para atender os requisitos estatísticos utilizou-se um artifício

no programa de computação de forma que, para fins de tabulação, cada alternativa constitua uma pergunta em si, com apenas duas alternativas: "falso" ou "verdadeiro". Por exemplo, na questão de número 5, o respondente lê na tela do computador uma pergunta com nove alternativas:

Questão 5. Minha escolaridade é:

- Analfabeto
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação incompleta
- Pós-graduação completa

Internamente, no entanto, para que o número de alternativas seja o menor possível, o programa desdobra essa questão em nove questões (5a, 5b, 5c, 5d, 5e, 5f, 5g, 5h e 5i), com apenas duas alternativas para cada uma, "falso" ou "verdadeiro", como segue:

Questão 5a. Minha escolaridade é Analfabeto falso verdadeiro

Questão 5b. Minha escolaridade é Ensino fundamental incompleto falso verdadeiro

Questão 5c. Minha escolaridade é Ensino fundamental completo falso verdadeiro

Questão 5d. Minha escolaridade é Ensino médio incompleto falso verdadeiro

Questão 5e. Minha escolaridade é Ensino médio completo falso verdadeiro

Questão 5f. Minha escolaridade é Ensino superior incompleto falso verdadeiro

Questão 5g. Minha escolaridade é Ensino superior completo falso verdadeiro

Questão 5h. Minha escolaridade é Pós-graduação incompleta falso verdadeiro

Questão 5i. Minha escolaridade é Pós-graduação completa falso verdadeiro

Outra alteração significativa refere-se ao perfil econômico dos entrevistados. Na Primeira e-pesquisa, a renda familiar do respondente médio situava-se acima de R\$ 3.600,00 (vinte salários mínimos, na época). Apenas 5,74% dos respondentes declararam pertencer a grupos com renda mensal entre R\$ 0,00 e R\$ 900,00 por mês, que constitui, como se sabe, a faixa de renda da maior parte da população brasileira. Isso ocorreu por dificuldades na divulgação da pesquisa, mas também porque o acesso de pessoas dessa faixa de renda à *internet* era praticamente nulo. Com a implantação de telecentros e infocentros em diversas cidades do país desde o ano passado, esse quadro vem alterando-se rapidamente, e, graças a parcerias com diversos organismos governamentais e ONGs trabalhando na área, foi-nos possível consultar, na Segunda e-pesquisa, uma parcela bem maior de pessoas pertencentes às classes sociais mais pobres.

Com relação aos temas abordados, foram incluídas diversas perguntas sobre o uso de mídias no espaço doméstico e na vida cotidiana, relacionando-o a padrões comportamentais. Além de questões visando mensurar a frequência e o local de acesso à rede, procurou-se averiguar a intensidade dos contatos interpessoais efetuados *online*, através de perguntas como: "Entre as

cinco pessoas que considero mais íntimas está alguém que conheci pela *internet*?", "Já experimentei relações de amizade, namoro ou outro tipo de relacionamento pela *internet*?", ou ainda, complementando essa última: "Esta relação virtual passou a acontecer também pessoalmente?"⁶ Também foram incluídas três perguntas que visam verificar em que medida a comunicação entre o entrevistado e seus familiares, amigos e colegas de trabalho tem sido intermediada por dispositivos de telecomunicação, e em que frequência.

Finalmente, foi incluída, na Segunda e-pesquisa, a possibilidade de o respondente fazer livremente comentários ou sugestões para melhorar a consulta, que serão utilizados na elaboração da Terceira e-pesquisa, em 2004.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda é cedo para se saber se a participação de pessoas das classes populares foi expressiva na Segunda e-pesquisa, ou mesmo se, nela, todas as regiões brasileiras estão suficientemente representadas. Mesmo assim, é certo que as duas e-pesquisas revelaram-se ferramentas importantes para a tarefa de re-formulação de programas habitacionais. Elas apontam descontentamentos diversos dos usuários com relação aos seus espaços domésticos atuais, e deixam entrever algumas de suas aspirações através da combinação e do cruzamento de diversas respostas. O valor dessa consultas não é apenas quantitativo, mas sobretudo qualitativo, reafirmando a enorme diversificação de padrões comportamentais que encontra-se em curso na sociedade brasileira, como, de resto, em muitos outros países ocidentalizados.

Já foi dito que o número de atividades realizadas no interior doméstico tem aumentado bastante, por diversas razões, alterando o uso dos cômodos tradicionais, o que sugere, por si só, que a estanqueidade funcional herdada de modelos pretéritos – "quarto para dormir", "cozinha para cozinhar", "banheiro para higiene", etc. – precisa ser urgentemente revista. Talvez não faça mais muito sentido seguirmos classificando os cômodos da casa em lugares de curta ou de longa permanência, e isso quer dizer que sua orientação solar, e, com certeza, seu dimensionamento e sua relação com os demais espaços também precisam referenciar-se em mais critérios. Tudo indica que, cedo ou tarde, deveremos começar a imaginar novos espaços domésticos, onde nossos entrevistados, que são, afinal, uma amostra da população do país, possam, por exemplo, morar melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHTEL, R. R. **Environment & behavior: an introduction**. California: Sage, 1997.

BERQUÓ, E. A família no século XXI: um enfoque demográfico. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**. N. 2. V.6. São Paulo, 1989.

ORSTEIN, S. W. **Desempenho do Ambiente Construído, Interdisciplinaridade e Arquitetura**. São Paulo: FAUUSP, 1996.

PREISER, W. F. E. **Building Evaluation**. New York: Plenum Press, 1989.

TRAMONTANO, M., BENEVENTE, V., SANTOS, D. M. À primeira vista: procedimentos metodológicos e resultados de avaliação de impressão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PSICOLOGIA E PROJETO DO AMBIENTE CONSTRUIDO, 2000, RIO DE JANEIRO. **Anais**. CD-Rom. Rio de Janeiro: ProArq-UFRJ, 23 a 25 de agosto de 2000.

TRAMONTANO, M. **Novos modos de vida, novos espaços de morar: Paris, São Paulo, Tokyo**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: FAUUSP, 1998.

⁶ É claro que trata-se de uma relação interpessoal, desenvolva-se ela no plano virtual ou no plano concreto. No entanto, é necessário precisar que, em diversos casos, preferiu-se abandonar o rigor acadêmico na redação das perguntas em prol de um entendimento mais imediato por parte dos consultados. Dificuldades de compreensão foram detectadas e corrigidas durante a fase de pré-teste.